

DIFERENTES LINGUAGENS NO CIBERESPAÇO:

novas possibilidades de mediação do ensino e da aprendizagem

Auda Valéria do Nascimento Ferreira (UFAL) - audacoord@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo visa apresentar algumas considerações sobre a importância de se fazer uso, na modalidade presencial de ensino, das diferentes linguagens presentes no ciberespaço como meio de proporcionar estratégias significativas de ensino e de aprendizagem. Considera-se que a escola pode extrapolar seu espaço físico, ao apropriar-se da Internet, do hipertexto e das comunidades virtuais de modo a distanciar-se do modelo didático-pedagógico estritamente presencial.

Palavras-chave: linguagens; Internet; Variação lingüística; Orkut

DIFFERENT LANGUAGES IN CYBERSPACE: NEW POSSIBILITIES FOR MEDIATION OF THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

Abstract

This article presents some considerations about the importance of making use, in presence mode of education, of different languages in the cyberspace as a means of providing meaningful teaching and learning strategies. The author considers that school can extrapolate its physical space, using resources from Internet, the hypertext and virtual communities in order to distance itself from the teaching-learning model strictly in presence.

Key-words: languages; Internet; Linguistic variation; Orkut

Debates em Educação

Introdução

As diferentes linguagens do ciberespaço estão cada vez mais presentes nos diversos contextos em que alunos e professores interagem dentro e fora da escola. Trazer essas linguagens, a língua, a variação linguística para convergirem em possibilidades de mediação do ensino e da aprendizagem para além do espaço físico da sala de aula, mais que um desafio, é uma necessidade.

No âmbito do ensino e da educação, imaginam-se os alunos de algum modo unidos nas comunidades do ciberespaço, formando grupos conforme seus interesses, criando alguma identidade. Por meio das diferentes linguagens do ciberespaço, novas possibilidades de ensino e de aprendizagem apresentam-se ao aluno e ao professor. Segundo Lévy (1999, p. 17), “O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. Com este conceito corrobora Ramal (2002, p. 65), ao escrever que “Ciberespaço é toda a estrutura virtual transnacional de comunicação interativa”. Portanto, o termo especifica, além da infraestrutura material da comunicação digital, o universo de informações nela presente e as pessoas que interagem e constroem esse universo.

As linguagens que antes apenas se presenciavam nas falas, imagens, sons e movimentos, em situações presenciais ou através das redes televisivas, hoje estão sincronizados no ciberespaço. É principalmente nas interações entre os jovens que se verifica o uso simultâneo de linguagens. Eles “curtem” jogos eletrônicos, filmes de ficção e ação, batem papo com os amigos já feitos e fazem novos “amigos”, tudo num mesmo lugar, se assim desejarem: a Internet. De acordo com Kenski (2003), encontrar um denominador comum entre formas de linguagens muito diferentes, isto é, estabelecer um diálogo entre elas, é um dos inúmeros desafios impostos à escola atualmente.

Debates em Educação

1. O ensino e a aprendizagem em sala de aula convencional e o ciberespaço

Se pensarmos a sala de aula convencional pela polifonia de seus interagentes, as conversas paralelas entre alunos ao longo do discurso monológico do professor, vozes ecoadas do pátio, do corredor, de outras salas, constatamos que, sendo a favor da paradigmática do silêncio, a escola ignora esses ruídos ou os procura silenciar.

Nas salas de aula, são revelados diferentes perfis de professores e alunos, mas seu espaço geográfico, a disposição de seus objetos, o tempo de aula e o próprio comportamento dos atores nesses cenários nem sempre conduzem à aprendizagem. Pelo menos não a uma aprendizagem representativa de significado para o aluno.

O perfil da sala de aula convencional, as crenças estabelecidas na figura do professor centralizador do “poder”, e as crenças dos professores em relação ao aluno, ao subestimar suas potencialidades, reforçam as práticas da exposição oral como estratégia principal de ensino e de aprendizagem.

Numa mesma escola, é possível verificar em duas salas de aula paralelas a realidade dicotômica de nosso sistema presencial de ensino. De um lado, o que nos mostra Kenski (2003, p. 65):

No silêncio da sala de aula ecoa a voz do mestre. Alunos calados escutam e copiam suas palavras. Pausadamente, o professor dita sua verdade absoluta. Alguns dos alunos permanecem com os olhos fixos no ambiente da sala, mas o pensamento viaja.

Noutro ambiente, separado apenas por uma singela parede, encontra-se uma sala de aula lotada, vários alunos falando ao mesmo tempo e um professor elevando a voz para fazer-se escutar. O assunto que motiva os jovens é o mesmo que o professor vocífera, mas a quem pertence o turno da fala? A quem pertenceria a “verdade” se houvesse espaço na sala para as subjetividades dos alunos? Embora a relação professor-aluno nos apresente bem distintas nos dois casos relatados, são convergentes no fato de não proporcionarem um ambiente propenso à aprendizagem.

Debates em Educação

Serpa (2005, p. 163) amplia tais reflexões ao escrever que os alunos questionadores sinalizam a todo tempo o fato de a escola não mais atender aos seus anseios, às suas necessidades e expectativas. “Contudo, nem os responsáveis por implementar políticas públicas nem os professores conseguem perceber as indicações dadas pelos alunos”.

O fato de os contextos presenciais e virtuais virem a ser complementares em ambas as situações, quer na modalidade de ensino a distância, quer na presencial, elas têm sido divulgadas nos trabalhos de Moran (2002) e Tori (2003). O primeiro indaga: “O que fazemos melhor ou mais rapidamente quando estamos juntos numa sala de aula?”, o segundo completa: “O que fazemos melhor ou mais rapidamente no espaço virtual?” Esses questionamentos são inconfundivelmente concernentes ao pensar sobre o contexto atual de ensino e de aprendizagem em ambos os casos.

Tori (2003) destaca algumas possibilidades de ações pedagógicas que podem ser utilizadas em situações presenciais e a distância de ensino e de aprendizagem, entre outras:

- substituição de aulas expositivas, com grande número de alunos, por material interativo on-line, complementado por aulas presenciais, com menor carga horária e pequeno número de alunos, destinadas a atividades que envolvam discussões, esclarecimentos de dúvidas, dinâmicas de grupo, orientações;
- criação de fóruns de discussão por série, por área, por disciplina e por projeto;
- oferecimento de monitoria on-line aos alunos.

A sala de aula rompe os muros da escola ao permitir que as diferentes linguagens ecoadas entre paredes se misturem às formas intensivas das vidas criadas no ciberespaço quando essas mesmas linguagens se entrelaçam. O maior empecilho às práticas inovadoras integradoras dessas diferentes linguagens é o formato institucional em que os saberes, o tempo, o espaço e os atores/sujeitos estão atrelados. Não há política pública efetiva no sentido macrossocial sem alteração das condições microssociais nas quais professores e alunos se encontram.

Moran (2007) traz à discussão a importância de se reorganizarem os ambientes presenciais de ensino. Ensinar não necessariamente precisa se relacionar com

Debates em Educação

frequentar regularmente as salas de aula. O autor visualiza o acesso a outros ambientes. Na sala, os agentes da aprendizagem se conhecem, os procedimentos didáticos são organizados e os alunos, motivados, são orientados sobre as pesquisas e de como utilizar outros ambientes. Depois de algum tempo, volta-se à sala para apresentar os resultados, trocar experiências, contextualizar e generalizar as aprendizagens individual e coletiva. Assim, professores e alunos estarão menos tempo juntos fisicamente, mas será um momento intenso.

2. Internet e ensino e aprendizagem

O surgimento da Internet facilitou o intercâmbio, o debate e a visibilidade das discussões entre grupos ou comunidades de natureza peculiar. Encontrar pessoas com os mesmos interesses ou afinidades na comunidade na qual mora, no local de trabalho, na escola, nem sempre é viável. As comunidades virtuais, as listas de discussões, os blogs e as teleconferências aproximam as pessoas distantes por motivos geográficos ou sociais. Tornar esses recursos subsídios metodológicos de aprendizagem é uma necessidade a cada dia mais presente nas instituições de ensino, independentemente de se tratar da modalidade a distância.

Na última década do século passado, Valente (1993) já escrevia que, pelo surgimento diário de novos usos do computador como recurso pedagógico, é possível alterar o paradigma educacional da centralização no ensino para a centralização na aprendizagem.

Como lembra Mercado (2001), as pessoas estão inseridas no processo de globalização e, neste contexto, a Internet surge como uma forma de comunicação de fácil acesso e custo, que irá certamente transformar a vida de milhares de pessoas, pois permite informações que, de outro modo, seriam difíceis de adquirir.

A Internet, um dos mais importantes meios de comunicação, apresenta diversas tecnologias que proporcionam maior integração, troca de conhecimentos e colaboração entre os internautas. Para Castells (2003), a internet processa a

Debates em Educação

virtualidade e a transforma em nossa realidade, construindo a sociedade em rede, a sociedade em que vivemos.

Utilizar a Internet na escola não garante, necessariamente, atividades pedagógicas. A aula pode continuar com o mesmo perfil da aula expositiva, sem uma aprendizagem significativa para o aluno. Ter acesso à tecnologia não é suficiente. O professor precisa estar atento ao uso que faz da Internet a fim de propiciar ações contrárias à reprodução de um modelo já defasado, como se pode inferir das palavras de Silva (2005, p. 67):

A dinâmica e as possibilidades da interface on-line permitem ao professor superar a prevalência da pedagogia da transmissão. Na interface, ele propõe desdobramentos, arquiteta percursos, cria ocasião de engendramentos, de gerenciamentos, de significações. Ao agir assim, estimula que cada participante faça o mesmo, criando a possibilidade de co-professorar o curso com os aprendizes.

A Internet possibilita a socialização de textos de diversos gêneros numa dinâmica imensurável. Na perspectiva do ensino de língua portuguesa como língua materna, isso se constitui num incentivo, além de informações, curiosidades e especificidades; estas carecem de um olhar específico, que questione e instigue questionamentos.

3. A variação linguística na Internet

A escrita nos blogs, orkut e chats é a principal ferramenta para trocar mensagens, correspondências, trocar informações, conversar, pesquisar e estudar. Tudo isso de modo autônomo. Para Pimentel (2005), a escrita na internet chama a atenção pelas variantes pertinentes ao meio – outras maneiras de usar a língua – ou seria uma nova variação linguística?

Debates em Educação

A maioria dos educadores vê a notação gráfica usada na internet como um atentado à língua. Os jovens cifram as palavras. Mas criam coletivamente as regras dessas cifras. No orkut, por exemplo, “você” é “vc”; “também” é tb, fim de semana é “fds”. Receia-se que a escrita usada no ciberespaço distancie ainda mais o jovem de uma escrita adequada aos contextos mais formais de interação. Alguns estudos, entretanto, revelam o contrário, ou minimizam as dúvidas sobre o assunto. Martins, Reis e Shuelter (2005) chegaram à conclusão de que um grupo de internautas, alunos do ensino médio, ao fazerem uma redação em sala de aula tende a utilizar registros mais formais.

A escola continua abordando a língua portuguesa como se ela fosse um fenômeno estático, desconsiderando as intenções dos alunos, produtores e co-produtores dos significados. Evidencia-se um novo estilo de sociedade, que compreende a inteligência como o resultado de agenciamentos coletivos que envolvem pessoas e dispositivos tecnológicos (RAMAL, 2002).

Observa-se uma mentalidade, uma cultura e uma tradição popular e oral serem desprezadas, embora estejam altamente disseminadas em todos os segmentos da sociedade. Tudo se problematiza porque, com o advento das TIC, surgem outras possibilidades de manifestações da linguagem, outras formas e registros, e a chamada linguagem cifrada amplia a polêmica: quais usos considerar como legítimos?

Não devemos esquecer que o desenvolvimento vertiginoso do conhecimento, a facilidade, a velocidade na transmissão de informações e a complexidade das aplicações tecnológicas a todos os âmbitos da vida cotidiana requerem o desenvolvimento de códigos simbólicos cada vez mais elaborados e complexos, e que aqueles indivíduos que, em sua vida cotidiana e em seu cenário social, só elaboram orientações de código restrito se encontram próximos da marginalização e dependência, pois seu código restrito não lhes facilita a compreensão e a adaptação às situações complexas que utilizam códigos elaborados e que são as habituais nas esferas mais desenvolvidas e privilegiadas da sociedade atual (PÉREZ GÓMES, 2001, p. 255).

Amplia-se o desafio da escola de pensar em estratégias para conduzir os alunos a utilizarem as variedades prestigiadas e as estigmatizadas, além do internetês, optando pelo registro adequado nas diversas contextualizações sociais. As variedades socialmente prestigiadas possuem seu espaço inviolável. Os professores devem abordar a variação linguística de modo a legitimar as formas estereotipadas, conquanto sua condição de linguagem “correta” em situações informais, a fim de provocar o interesse do aluno em desenvolver a forma “prestigiada” para utilizá-la em suas interações formais (conferências, relatórios, entrevista de emprego).

Se antes os professores prostravam-se frente às dificuldades de ensinar a norma-padrão nas comunidades histórica e geograficamente consolidadas pelo uso das variedades estigmatizadas, com a inserção dos sites de relacionamento na qual a linguagem verbal escrita adquire um espaço imensurável, surge mais um desafio: utilizar essas comunidades virtuais como ferramenta de pesquisa e de ensino.

4. Do contexto ao hipertexto

Antes de acompanhar o surgimento do hipertexto, pensa-se nas comunidades ágrafas¹. Nelas, a história ainda é transmitida através das narrativas orais. Os relatos são ouvidos e memorizados, depois passados para as novas gerações. A capacidade de memorizar é associada à inteligência nessas comunidades. Não é para menos, já que sem ela toda uma cultura estaria em risco de exterminar-se.

Com a escrita, segundo Lévy (1993, p. 87), “O eterno retorno da oralidade foi substituído pelas longas perspectivas da história”. Por conseguinte, concebe-se que a escrita, ao intercalar o processo de emissão e recepção de informações, instaura os riscos de mal-entendidos, de outras interpretações. A escrita corre esses riscos e aposta no tempo. “Uma vez escrita, a idéia [sic] perpetua-se no tempo e pode passear

¹ Diz-se dos povos cuja língua não possui escrita.

Debates em Educação

pelo espaço, numa carta, caderno, livro ou num quadro, por exemplo. Uma informação escrita não precisa ser memorizada” (KILLNER apud KENSKI, 2003, p. 61).

Daí a importância de a escola apropriar-se dos recursos do texto nas comunidades virtuais. “Os avanços tecnológicos reorientam a leitura na escola para outros textos e imagens. O ato de ler se transforma historicamente” (op.cit., p. 62).

A linguagem audiovisual incorporou-se num espaço ideal para a mixagem – textos, desenhos, fotografias, sons e movimentos – e a escola nunca esteve tão próxima de efetivar seus pressupostos da formação de um aluno autônomo. Com o acesso demasiado à informação, é imprescindível adquirir-se autonomia e muito mais responsabilidade. O que o jovem deseja aprender? Como buscar informações? Como o jovem direciona seu aprendizado?

Nas comunidades virtuais também se trabalha, se estuda, se conversa. Constrói-se uma bagagem de referências, compartilha-se um contexto, criam-se outros contextos de interações capazes de tornar significativo o estar “ali” em determinado espaço e não em outro lugar.

Essas comunidades online estão além do surgimento comum da escrita quando nos referimos a significados. Ler-se isso em Lévy (1993, p. 72), que esclarece seu próprio questionamento:

O que é significação? Ou antes, para abordar o problema de um ponto de vista mais operacional, em que consiste o ato de atribuir sentido? A operação elementar da atividade interpretativa é a associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto.

O autor citado nos remete à compreensão do hipertexto para além da linearidade do discurso, ao dizer que um texto sempre foi um hipertexto, uma rede de associações. Para Ramal (2002), o hipertexto como texto é objeto de estudo do campo das Letras, da Linguística Textual, da Análise do Discurso, ou, em alguns aspectos, da

Debates em Educação

Semiótica. A autora considera que uma nova ecologia cognitiva está vinculada às formas pelas quais os sujeitos internalizam os aspectos formais do hipertexto como mediação para novas produções, acepções e significação do conhecimento. Se a forma do hipertexto influencia a organização do texto, também pode influenciar, por extensão, a maneira de organizar o pensamento. De um ponto de vista peculiar, trata-se o hipertexto como uma nova tecnologia intelectual, mediadora das relações com o conhecimento, que pode romper com “certas categorias intelectuais” e relacionar-se a outros modelos cognitivos.

5. Comunidade virtual de aprendizagem: orkut

Dentre as diversas possibilidades de uso da Internet destacam-se os sites de relacionamento. O orkut nasceu em janeiro de 2004 e foi batizado com o primeiro nome do seu criador, Orkut Buyukkokten, cuja ideia inicial foi a de compor uma comunidade em que só pudesse participar as pessoas convidadas por outras, a fim de manter ou gerar laços de amizade e afinidades.

O orkut como ferramenta relacionada ao Google é um dos portais virtuais mais acessados no mundo inteiro. Permite que os internautas ampliem ou resgatem o círculo de amigos. Este site tem chamado a atenção de investidores, pesquisadores sociais, juristas e educadores, entre outros aspectos, pela crescente adesão de crianças e jovens às suas “comunidades virtuais” e páginas de recados.

Segundo Almeida e Eugênio (2006, p. 67), o que chama a atenção na página dos dados demográficos do orkut é a proporção de usuários brasileiros do referido site em comparação com os de outras nacionalidades. “Em agosto de 2005, os brasileiros respondiam por 75,56% da população do orkut, contra 5,79% de norte-americanos (nacionalidade de origem do site)”. Atualmente, estes números estão em 51,25% para os brasileiros contra 17,72% dos estadunidenses. Nas comunidades do orkut, criadas pelos próprios internautas, as pessoas também se encontram para debater sobre

Debates em Educação

temas de interesse comum. Existem comunidades que debatem sobre o ensino de diversas disciplinas, política externa dos Estados Unidos, Literatura, Física, entre outros. Há, sobretudo, comunidades nas quais se podem expressar sentimentos e opiniões.

O orkut pode se tornar uma comunidade virtual de aprendizagem à medida que suas ferramentas vão sendo utilizadas com o objetivo de ampliar situações de aprendizagem. De acordo com Salinas (2003), uma CVA pode ser de discurso, de prática, de construção do conhecimento e de aprendizagem. É possível inferir que uma mesma comunidade virtual possua duas ou mais dessas características, o que favorece a construção de conhecimento, uma vez que seus membros se relacionam com os mesmos objetivos de aprendizagem. Silva (2005) destaca a importância de o professor utilizar as comunidades virtuais para criar com seus alunos um ambiente de comunicação e aprendizagem em sala de aula presencial e online. “Elas favorecem integração, sentimento de pertença, trocas, crítica e autocrítica, discussões temáticas, elaboração, simulação e descoberta”.

É relevante apoderar-se desses recursos, principalmente nas escolas públicas, pela necessidade da inclusão digital. Embora os alunos participem das comunidades virtuais à revelia da escola, como acontece nas comunidades tradicionais, é função desta colaborar para minimizar conflitos. Para isso, ela pode utilizar as comunidades virtuais e criar tópicos de discussões. Uma vez disponibilizados, esses debates contribuem para a aquisição de conhecimentos.

O fato de as interações online ocorrerem na maioria das vezes sem a identificação visual do interlocutor pode constranger a alguns, mas não é empecilho para a maioria das pessoas, visto o grande número de internautas que cresce a todo o momento. Burbules (2004) questiona se o fato de uma conversa virtual ser mediada por vídeo de duas vias a torna menos “real” do que se for face a face, e se as pessoas fossem mais honestas em links de vídeo do que face a face, qual interação seria mais honesta. O autor também enfatiza: “O pressuposto de que interações cara a cara sejam mais honestas ou diretas do que interações on-line é desmentido por

Debates em Educação

participantes que dizem experimentar exatamente o contrário” (idem, p.220).

Esse autor ainda afirma que o texto é o meio principal de interação online nos dias atuais. E não apenas os textos de mensagens individuais enviadas por e-mail, por exemplo, mas também a forma de novos tipos de publicações. Escrita e meios de publicação estabelecem comunidade através de seus próprios meios de composição, distribuição e compartilhamento.

Pode-se constatar, através da inserção de sites de relacionamento, como o orkut, na abordagem das variedades linguísticas (CAVALCANTE et al, 2007), que o respeito pela linguagem coloquial do aluno é, indiscutivelmente, imprescindível à aproximação de professores e alunos no mundo permeado pela comunicação rápida e pelo fluxo demasiado de informações. Segundo Moran (2001), o educador precisa tirar proveito das tecnologias, para acompanhar de perto o que seus alunos produzem e o que pensam sobre o mundo. Assim, sendo, os ambientes de interação “virtual”, podem influenciar os alunos a escreverem melhor, para mostrarem o que pensam de forma mais clara dentro da Internet. O relacionamento entre professor e aluno torna-se mais próximo, pois além do contato “real”, o professor passa a interagir num dos ambientes mais frequentados pelos alunos.

Considerações Finais

A partir das considerações feitas neste trabalho, pode-se concluir que as diferentes linguagens as quais nos referimos estão presentes no ciberespaço como um todo, mas se particularizam em suas representações através do hipertexto, nas comunidades virtuais, nos sites de relacionamentos. Por isso, considerá-las como mediadoras do processo de ensino e de aprendizagem significa conceber o aluno e o professor em um contexto cada vez mais distante da sala de aula estritamente convencional, ou seja, um espaço físico delimitador das interações sobre um determinado conteúdo.

Debates em Educação

O hipertexto propriamente funciona como mediador das produções, das recepções e das significações dos conhecimentos que possa comportar. Ele permite que autores e leitores de diferentes ideologias dialoguem num mesmo espaço virtual para através das discussões conceituais exporem suas opiniões chegando ou não a um consenso. Portanto, a arquitetura do hipertexto permite uma ampla possibilidade para novas práticas de ensino, mas é necessário que a escola adquira um formato convergente à implementação e desenvolvimento dessa forma de mediação do ensino e da aprendizagem, menos centralizada na figura do professor e mais direcionada aos modos de leitura feitos pelos alunos.

A escola não perderá a sua essência por causa da presença do ciberespaço na vida social dos estudantes. Os estudos na área da educação apresentarão novas teorias, algumas tecnologias serão transformadas, mas a escola continuará. No entanto, não será a mesma, caso aproprie-se das diferentes linguagens do ciberespaço e, a partir delas, transforme as práticas pedagógicas presenciais vigentes no espaço físico de uma sala de aula para além dela.

Enfim, a temática principal deste trabalho pretendeu discorrer sobre o que a escola deve aproveitar: o interesse natural dos jovens estudantes pelos sites de relacionamentos, pelas comunidades virtuais, pelo hipertexto e utilizá-los para mediar a relação estabelecida pelo estudante entre informação e reflexão coletiva e para melhorar a relação professor-aluno. Neste último caso, a aproximação com os alunos ajuda o professor a considerar novas perspectivas, novas estratégias de abordagem do tema estudado a partir das idiosincrasias apresentadas pelos próprios alunos. Em se tratando de aproveitar o interesse do aluno pelos sites de relacionamento, cita-se o tema da variação linguística como um dos mais pertinentes para ser abordado em sala de aula em interface com a cibercultura. De um lado, a notação gráfica surgida nos ambientes virtuais; de outro, a variação linguística propriamente dita revelada tanto nestes ambientes quanto nos presenciais.

Nas pesquisas qualitativas, quantitativas ou mistas, o ambiente virtual tem se constituído um meio mais rápido e eficiente de coletar dados. No ensino, são

Debates em Educação

necessárias mais pesquisas que revelem novas práticas de ensino da língua portuguesa, por exemplo, os novos meios pelos quais os alunos têm aprendido conteúdos e habilidades; enfim, espera-se que essas pesquisas colaborem efetivamente com o processo de ensino e de aprendizagem mediado pelas TIC.

Referências

ALMEIDA, Maria I.; EUGÊNIO, Fernanda. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da Internet no Brasil. In: NICOLAU-DACOSTA, Ana Maria (Org.) **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2006.

BURBULES, Nicholas C. A Internet constitui uma comunidade educacional global? In: BURBULES Nicholas C.; TORRES, Carlos A. (Org.) **Globalização e educação: perspectivas críticas**. Porto alegre: Artmed, 2004.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis (Org.). **Por uma outra globalização: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CAVALCANTE, M. Auxiliadora da S. et al. O diferente, o popular e o culto em arte, língua portuguesa e literatura no ensino médio: perspectiva interdisciplinar. In: ABREU, Nitecy G.; DAMASCENO, Ana M.; MERCADO, Luis P. (Orgs.). **Formando o professor pesquisador do ensino médio**. Maceió: Edufal, 2007.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era digital**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, Cláudia L.; REIS, Mariléia S.; SCHUELTER, Wilson. **Hipertexto e os códigos cifrados dos internautas: ameaça lingüística ou modismo?** Disponível em: http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/wilson_schuelter_e_marileia_reis_e_claudia_levandowski.ht., 2005. Acesso em 17 abr. 2008.

MERCADO, Luís P. Internet como ambiente de pesquisa na escola. **Revista Presença Pedagógica**. Maceió, v. 7, n.38, mar/abr. 2001.

Debates em Educação

MORAN, José M. (Org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2001.

MORAN, José M. **Contribuições para uma pedagogia da educação on-line**. 2002. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/contrib.htm#prop>. Acesso em 28 de jul. 2008.

MORAM, José M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

PÉREZ GÓMES, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto alegre: Artmed, 2001

PIMENTEL, Carmen. **Vc tb escreve axim?** Uma análise do léxico nos blogs dos adolescentes. UERJ, 2005. www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/htm. Acesso em 17 abr. 2008.

RAMAL, Andréa C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALINAS, Jesús. **Comunidades virtuales y aprendijaje digital**. 2003. Disponível em: www.ucv.ve/edutec/Conferencias/conferenciasalinas.doc. Acesso em: 11 out. 2007.

SERPA, Luiz F. Criando alguns links. In: PRETTO, Nelson L. **Tecnologias e novas educações**. Salvador: Edufba, 2005.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: MEC/SEED, 2005.

TORI, Romero. **O virtual que marca presença**. Disponível em: http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2003_Virtual_Marca_Presenca_Continuacao_de_Aprendizagem_Aberta_e_a_Distancia. Acesso em 28 jul. 2008.

VALENTE, José A. (Org.) **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Unicamp, 1993.